

HISTÓRIAS DA
SERRA
DO
CAMAPUÁ



AVISOS

O material contido neste livro carrega informações da cultura oral da Serra do Camapuã, entendendo-a como mutável a partir do momento que as histórias vão sendo contadas de boca em boca durante os anos. Os acontecimentos narrados podem variar em versões dentro da cultura popular.

Alguns textos deste livro foram escritos aproximando-se da linguagem oral dos entrevistados. Os materiais transcritos respeitaram a grafia do autor no documento.



TEATRO^{da}
PEDRA
apresenta:

HISTÓRIAS DA SERRA DO CAMAPUÃ

2ª edição

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ferreira, Elis
Histórias da Serra do Camapuã / Elis Ferreira. --
2. ed. -- São João Del Rei, MG: Teatro da Pedra,
2023.

ISBN 978-65-9997771-0-7

1. Cultura popular - Literatura infantojuvenil
2. Lendas - Literatura infantojuvenil 3. Oralidade
4. Serra do Camapuã (MG) - História - Literatura infantojuvenil I. Título

23-143940

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



A comunidade da Serra do Camapuã ganha um livro seu! Conta suas histórias, contos e lendas. Cita personagens, pessoas, descreve paisagens, narra situações vivenciadas. Este livro tende a ser um ponto em comum com os habitantes da Serra, onde jovens e velhos vão ter a curiosidade de conhecê-lo e difundir suas narrativas. Foram vários do distrito de Entre Rios de Minas que contribuíram. O Teatro da Pedra fez a compilação das informações e traz, agora, nesse formato impresso, as lembranças e nostalgias das “histórias do Camapuã”. A partir da história contada se fortalece a memória da localidade, gera sentimento de pertencimento e zelo pela cultura local. Minha homenagem a todos os colaboradores dessa obra, ao Fundo da Infância e Adolescência e ao Teatro da Pedra.

*Felipe Resende Ribeiro de Oliveira
Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e
Turismo de Entre Rios*



Durante o ano de 2021, o Teatro da Pedra, em parceria com o CMDCA - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Entre Rios de Minas, realizou o Projeto Histórias de Camapuã, no qual várias moradoras e moradores foram entrevistados, para que contassem lendas, causos e histórias da comunidade.

Seu Vicente, o Loro, fez o primeiro contato, marcando as entrevistas na casa das pessoas que, gentilmente, receberam a equipe do Teatro da Pedra com muita prosa, café e deliciosos lanches. Dona Marta e Dona Bernadete nos ofereceram almoço e, assim, a gente passava o dia todo na Serra entre uma visita e outra a observar e vivenciar a paz e as belezas desse lugar tão especial. Agradecemos a hospitalidade e as deliciosas refeições que elas nos proporcionaram. Presente, desde a primeira entrevista, a querida e dedicada Rosana Panzera, passou a nos

acompanhar em todas as visitas as casas e nos ajudou a recolher mais depoimentos de outros moradores e moradoras, sendo uma importante conexão entre nós e a comunidade.

Após o recolhimento do material, foi confeccionado este livro que pretende levar ao conhecimento das crianças e jovens da comunidade, a riqueza e a potência das histórias de sua terra natal, além de um registro escrito da cultura oral que permeia a Serra.

Se dizem que “quem conta um conto, aumenta um ponto”, não somos nós que vamos discordar. Então, pedimos licença e ousamos registrar quase tudo que ouvimos no período que estivemos na Serra, do nosso jeito, mas temos consciência de que essa é apenas uma versão dos fatos. De nossa parte, pretendemos que este livro transporte vivências, lembranças, inquietações e saudades

para o papel, que ofereça espaço para que os genuínos contadores de histórias tenham seus casos registrados e, sobretudo, que seja a partir de um olhar respeitoso e com muita admiração para com a comunidade local.

Ainda dentro do projeto, o Teatro da Pedra realizou apresentações teatrais na Serra do Camapuã e contações de histórias do material levantado no livro, nas quais pudemos encontrar muita gente de portas e janelas abertas para a arte. Agradecemos a Rogilda e à equipe da Escola Municipal Maria Angélica Moraes e Silva pela ajuda na divulgação e contato com as crianças e jovens para que eles fossem assistir. E agradecemos também a todos os integrantes da Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo de Entre Rios pelo carinho e parceria.

Elis Ferreira

Atriz e Arte-educadora do Teatro da Pedra

QUE CONTIAM SOBRE OS LUGARES

Cada cantinho da região da Serra do Camapuã carrega uma história ou um caso que alguém ouviu falar ou que vivenciou.

Dá uma espiada nesses aqui para ver se reconhece algum.



ORIGEM DO NOME CAMAPUÃ

O nome “Camapuã” é de origem tupi guarani e significa seios redondos.

Mas tem também uma lenda que diz que o nome vem da junção da expressão “cama”, usada pelos nativos da região para designar o local onde eles estavam aglomerados - a aldeia, com “puã”, o nome da tribo.

Na região, é comum serem encontrados objetos antigos que eram usados por esses povos originários tais como marretinhas, panelas e cachimbos.

FAZENDA OLHOS D'ÁGUA



A Fazenda Olhos D'água foi construída no século XVI pelos escravos e era da influente e bem abastada família Ferreira da Fonseca . Ao lado dela, tinha uma chaminé que alguns dizem que era usada para derreter ouro e outros que era um forno que fazia azeite de mamona, pois esse era o material usado para lubrificar o eixo dos carros de boi e para acender os lampiões, já que não existia querosene na época.

Outras curiosidades são que a Fazenda Olhos D`água tinha um belo engenho tocado à água, que tinha esse nome, por estar em uma região cercada por nascentes e que os capatazes ficavam posicionados em seus muros com carabinas apoiadas nas pedras e, quem se aproximasse de lá, poderia levar um tiro.

Segundo contam, na década de 80, ela pegou fogo, tendo restado apenas algumas ruínas do que antes abrigou uma enorme família.

O RASTRO NA PEDRA

No Tanque do Batista tem uma pedra com um “rastrinho”, uma marca, que dizem ser de uma escrava chamada Pacífica. Contam que ela andava, praticamente, pelada o tempo todo.

Quando aparecia alguém por ali, ela corria e sentava na pedra, para remendar seus pedaços de roupa. Por isso a pedra ficou marcada.

CORRENTES NO MORRO DA ANGÁ

Dizem que, ao passar à meia noite pelo Morro do Angá, você escuta uma corrente arrastando de um lado para o outro que são os fantasmas dos escravos.

COCURUTO

Na região do Cocuruto, hoje de propriedade da CSN - Companhia Siderúrgica Nacional, mas outrora ocupada por outra siderúrgica, existiu uma comunidade onde viviam várias famílias que trabalhavam na mineração. A Serra do Camapuã abastecia o local com suprimentos necessários aos moradores.

O minério explorado era o manganês, estratégico para a fabricação de armas da Segunda Guerra Mundial. Nessa época, existiu uma linha de trem que, segundo contam, levou mais tempo para ser construída, do que funcionando.

Após longos anos retirando o minério da montanha, a siderúrgica foi embora e a comunidade foi desaparecendo aos poucos, restando hoje somente algumas ruínas e um mato alto, que recentemente foi transformado em reserva ambiental da CSN.

POR QUE A IGREJA É DE NOSSA SENHORA DAS DORES?

Contam que, na época em que os portugueses estavam no Brasil, explorando as terras mineiras, Dom Pedro II passou pela Serra do Camapuã e teve uma dor de barriga, bem em frente ao local onde se localiza a Igreja de Nossa Senhora das Dores.

Na ocasião, o jovem, de aproximadamente 15 anos, fez uma promessa.

- Mãe, se minha barriga sarar, eu vou doar uma imagem de Nossa Senhora das Dores pra cá.

Com pouco tempo, ele estava bom e, assim, foi feita a doação e a construção da igreja para abrigar a imagem.

CONSTRUÇÃO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

Já reparou que a Capelinha de Nossa Senhora das Graças fica bem no alto? Você sabe por quê?

Contam que Salvador Panzera, certa noite, teve um sonho no qual Nossa Senhora das Graças aparecia para ele e pedia que fosse construída uma capela em sua homenagem no lugar mais alto da Serra do Camapuã.

Empenhado em realizar o pedido da santa, Salvador foi conversar com seu amigo Alcides Costa, que era dono do terreno escolhido e teve autorização para realizar a obra.

Não demorou muito e foi iniciada a construção da capela com a ajuda da comunidade que, ora emprestava o carro de boi para levar o material até o local, ora colocava a mão na massa ajudando a levantar as paredes.

Uma curiosidade que muitos contam a respeito da capelinha é que, no passa quatro, costuma-se ver uma santa parada com um vestido longo e claro.

MOINHO D'ÁGUA

Na região da Serra já existiram muitos moinhos d'água, mas, hoje em dia, só restam dois em funcionamento: o do senhor Vicente de Paulo Ferreira e o do Engenho.

O moinho do senhor Vicente foi construído pelo seu pai, por volta dos anos 80 e modificado por ele, há anos atrás, funcionando, perfeitamente, para moer a demanda de milho que os feirantes costumam solicitar até hoje.

O COQUEIRO SOLITÁRIO

Atrás da Fazenda da Cachoeira tem um coqueiro solitário que resiste em pé até hoje, mesmo os outros, ao seu redor tendo caído no correr dos anos. Reza a lenda que ali está enterrada uma criança que morreu após tomar um coice de um cavalo.

ANTES DE SER ESCOLA

Por volta de 1700, quando os portugueses estavam a desbravar as terras mineiras, eles passaram, pela região onde hoje é a Serra do Camapuã que, até então, era, em sua maioria, mato e abrigava os nativos locais.

De lugar em lugar, os portugueses tinham costume de fazer uma “picada”, que seria um corte de vegetação onde eles montariam ranchos para passarem uma temporada e irem explorando as terras das redondezas. Na Serra, o rancho foi montado onde hoje é a escola.

OS ROUBOS DA CAPELA OLHOS D'ÁGUA

A Capela Olhos D'água, localizada na Estrada Real, teve muitas peças valiosas que foram roubadas, no decorrer dos anos. Alguns desses objetos são: a imagem de Nossa Senhora da Lapa, que uns dizem ter sido feita de pedra verde por Aleijadinho e outros que ela foi feita de madeira, com pó de pedra portuguesa, por cima; o sacrário (alguns objetos já foram encontrados); um livro todo escrito em latim para a celebração da missa e uma imagem de São Miguel com uma lança de ouro na mão.

Adão, o coveiro que trabalha no cemitério junto à capela, disse: “Se as almas souberem onde está a Nossa Senhora da Lapa, eu não ligo, podem aparecer pra me contar.”

A ÁRVORE GAMELEIRA



Na região da Capela Olhos D'água, havia uma árvore gameleira que, de tão grande, podia-se entrar dentro dela. Seu interior era dividido em “dois cômodos” e, comumente, as noivas se arrumavam dentro da árvore com seus vestidos brancos e longos.

Era comum que o padre, ao chegar para celebrar a missa do casamento, ficasse surpreso pela ausência da noiva. Passado certo tempo, ela surgia do meio da árvore.

Atualmente, a árvore não existe mais. Alguns dizem que um raio a partiu, outros, que ela adoeceu e foi apodrecendo até cair.

CAPELINHA DE SANTO ANTÔNIO DO MADRUGA



A Capelinha de Santo Antônio do Madrugá é feita de pedra e dizem que foi construída por José Adelino da Fonseca, que era proprietário da Fazenda da Lavra.

Sobre a sua fundação, contam que a imagem do santo foi encontrada pela filha da Baronesa da Fazenda do Madrugá no meio do mato. Na ocasião, a menina pegou a imagem e levou para casa, dizendo para a mãe:

- Olha mãe, encontrei esse homenzinho, em cima de uma pedra lá na mata.

A Baronesa pediu que a imagem ficasse com ela e a guardou dentro de um oratório, onde,

todos os dias, ela e outras moradoras da casa, passaram a adorar o santo.

Certo dia, uma luz muito forte apareceu dentro do quarto onde estava o oratório e, quando elas foram olhar, a imagem havia sumido. A ordem foi a de procurar pelo santo em todos os lugares e dizem que, perto do córrego, podia se ver o rastro dele como se tivesse passado por ali.

Após uma longa busca, a imagem foi achada em cima da mesma pedra onde foi encontrada pela primeira vez. Inúmeras vezes ela era levada de volta ao oratório e, inúmeras vezes, ela voltava para cima da pedra. O jeito então, foi construir a capela para o santo naquele local.

O CADERNO DA PROFESSORA ADELINA

Adelina Mendes Rodrigues trabalhou, aproximadamente 36 anos, em escolas da Serra do Camapuã e Castro, tendo atuado como professora, coordenadora e auxiliar de secretaria. A fim de ensinar os seus alunos e fazer um breve registro de dados da comunidade, ela escrevia em um caderno várias informações a respeito da fundação da escola.

Atualmente, este caderno se encontra na Escola Municipal Maria Angélica Morais e Silva e trata-se de um documento escrito a próprio punho. Confira um trecho dele.

“O distrito de Serra do Camapuã foi criado pelo decreto estadual nº287 de 13/12/1890. A origem do nome Serra do Camapuã provém das serras arredondadas que cercam a vila.

Sua 1ª escola foi criada a pedido do Sr. Gervásio Marques Ferreira de Resende em 1895, pedido este feito ao Senador Ribeiro de Oliveira. Esta escola era regida pelo professor Sr Sebastião Perpétuo dos Santos sendo só para crianças do sexo masculino. Não havia prédio escolar, a escola funcionava em uma casa pública construída pelo povo denominada “casa do conselho” onde, além da escola, funcionava o cartório da localidade.

A 2ª escola foi criada em 1897 sendo na época Inspetor escolar o Sr. João Resende. Esta escola apenas para meninas teve como professora Ubaldina, que era normalista natural de Mato Grosso. Nesta época já havia sido construída pela prefeitura uma escola medindo 6 metros e 5 cm por 5 metros e 30 cm feita de pau a pique.

Mais tarde a 2ª escola passou a ser mista podendo porém ser matriculados somente meninos até 9 anos, quando então eram transferidos para a 1ª escola masculina. Este critério prevaleceu até o ano de 1929 quando ambas podiam receber alunos de ambos os sexos.

A denominação das escolas passaram a ser - "1ª Escola Distrital Mista e 2ª Escola Distrital Mista", ambas tendo alunos do 1º, 2º e 3º anos. Não era permitido o ensino de 4º ano. Os alunos tinham que estudar particular e prestar exames nos grupos escolares de outros lugares.

Em 1933, estando em reparação o prédio construído pela prefeitura, as aulas da 2ª escola foram dadas debaixo de uma árvore. Este prédio mais tarde caiu e as professoras pagavam aluguéis de salas em casas particulares.

Em 1944 as escolas passaram a funcionar numa sala cedida pelo Sr. Jair Borges sem ônus para o Estado.

O atual prédio escolar foi inaugurado no dia 28/4/70 tendo como denominação "Escola C.

Maria Angélica Morais e Silva". Este nome foi dado em homenagem prestada por sua neta D. Maria Auxiliadora, Inspetora Municipal da época a uma antiga professora do Grupo Escolar Ribeiro de Oliveira. Darei a seguir a lista dos primeiros professores que funcionaram na 1ª e 2ª escolas.

Dentre os professores da 1ª escola estão: Sebastião Perpétuo dos Santos, Alípio Fileno, Francisco Augusto Maia, Gustavo Marengo Estrela, Manoel Teixeira Campos, João Pedro dos Santos, Antonio Correia Ribeiro, José Elisiário Chaves, João Manoel Pereira, Matilde Ferreira e Maria do Patrocínio De S. José.

As professoras da 2ª escola foram: D. Ubaldina, D. Maria Eiras Seabra, D. Ana Diniz Junqueira, D. Maria Estrela, D. Carolina Estrela (substituta), D. Ercília Argamim Ferreira, D. Ana Rosa de Lima, D. Maria Cornélia Chaves, D. Jovita Lídia de Carvalho, D. Ana Nunez de Oliveira, D. Angela Panzera Borges e D. Angela Maia Borges.

Estas informações foram prestadas pelos senhores: Jair Borges, João Resende e D. Angela Panzera Borges. (...)

NA SERRA ERA ASSIM...

Aqui você vai encontrar um pouquinho dos costumes e modos de viver dos moradores da Serra. Alguns, de tempos atrás, que ficaram guardados nas memórias e outros que ainda permanecem.

Algum lhe é familiar?

A ESCOLA EM OUTROS TEMPOS

Antigamente não havia tantos estímulos para que as crianças frequentassem a escola, muitas delas começavam a trabalhar na roça desde muito cedo, ajudando seus pais e não tinham tempo para aprender a ler e a escrever. Além disso, na Serra, as aulas eram gratuitas até o terceiro ano, para seguir estudando as crianças tinham que ir para fora da comunidade ou pagar uma professora particular.

Sonia Borges contou que sua mãe, Angela Panzera, conhecida como Dona Zizi, era professora. Empenhada em ajudar as crianças que passavam por mais dificuldades e que faltavam muito nas aulas, ela percorria longos trajetos para buscá-las e levá-las até a escola, além de fazer vestidinhos de flanela para aquecê-las no frio. Já seu pai, Jair Borges, alfabetizava adultos à noite, pedindo que eles apenas levassem uma lamparina.

Na década de 60, quando Sueli era criança, ela lembra de como sua família se esforçava para que ela e os irmãos fossem à escola.

“Antigamente a gente tinha que comprar o livro. Não tinha livro. O pai sacrificava e comprava. (...) O caderno com mais folha que eu ganhei na minha vida foi quarenta e seis folhas. Aquilo pra mim era o auge. Quantas e quantas vezes comprava caderno de quatro ou seis folhas. A gente via a Efigênia mais a Lourdes indo embora pra casa, chegava no meio do caminho, ela arrancava a folha do meio do caderno e passava pra gente junto com o lápis e a borracha pra gente voltar pra escola. Isso não foi nem uma, nem duas vezes. A gente não tinha um calçado direito. A minha mãe fez uma vez... antigamente o saco de açúcar era aquele saco grande, açúcar cristal. Aí a minha mãe... era muito frio... antigamente fazia mais frio que hoje. Minha mãe era costureira, ela comprou um tintório e tingiu o saco de azul, mas ficou assim: açúcar cristal. Quando eu cheguei na escola falaram: “Ô, cortou o açúcar cristal!” Era uma calça comprida que a mãe tinha feito pra mim. Comigo não pegava porque eu ria também, mas... Chegando em casa eu falei com a mãe que eu não ia com aquela calça mais não.”

PEDACINHO DE IGREJA

JUIZ DE PAZ

A Igreja de Nossa Senhora das Dores antiga funcionou por muitos anos até que, muito deteriorada, começou a cair. Nesse tempo, as pessoas passaram a frequentá-la somente no pedaço que restava. O senhor Vicente de Paulo Ferreira e a senhora Maria de Lourdes Ferreira foram um dos casais que se casaram nesse pedacinho de igreja.

Quando se tornou perigosa a permanência dentro dela, as celebrações das missas passaram a acontecer na varanda da casa do senhor Jair Borges. Já os casamentos, encontro de jovens e coroações eram feitos no salão onde funcionava a escola.

Antônio de Souza Pereira foi juiz de paz por, aproximadamente, 35 anos, tendo feito inúmeros casamentos, tanto na Serra, quanto em Entre Rios. “Teve vez de fazer oito casamentos no mesmo dia” relembra ele que, apesar de ter presenciado também algumas confusões, mantém a discrição e a ética de não contar sobre elas.

Além dos casórios, ele também resolvia briga por divisas de terra, de casais, roubos de criação e outras questões que surgiam na região.

PAPAGAIO ESPERTO

O papagaio da Dadica sabia a tabuada de dois.

COLEGA

Dizem que “Colega” apareceu na Serra quando era criança e acabou vivendo ali por um bom tempo fazendo amizade com muita gente. Ele usava um palitó preto e, em cada casa, tinha uma caneca para ele. Rogilda lembra que, quando “Colega” aparecia, sua avó falava:

- Busca, minha filha, a caneca do “Colega” pra dar café que ele chegou. - e as crianças faziam muita farra com ele.

PÉ VERMELHO

Para não chegar com os sapatos sujos, o pessoal, quando ia a pé para as festas em Entre Rios, colocava os calçados no embornal e seguia descalço. Pertinho da cidade, eles achavam uma bica, lavavam os pés e calçavam os sapatos novamente, assim não corriam risco de chegar na festa com os pés vermelhos de barro.

CASO DA COROAÇÃO

A coroação de Maria é uma tradição católica bem típica do interior de Minas Gerais. No mês de maio, as meninas são convidadas a participar da celebração na qual, em um altar, colocam o véu, a palma e a coroa em Nossa Senhora.

Há mais de oitenta anos, na Serra do Camapuã, a coroação acontecia na Igreja de Nossa Senhora das Dores que era toda preparada e enfeitada para a festividade e como não havia luz na comunidade, a iluminação era feita com velas. Na ocasião, eram enviados bilhetes aos pais e mães, convidando as crianças que quisessem participar, a estarem



presentes vestidas de anjinhos, mas nem todas eram convidadas, havia restrição às crianças negras.

No dia da celebração, no momento da coroação de Nossa Senhora, um dos responsáveis por cuidar da igreja acabou cochilando, com uma vela na mão, atrás do altar onde um grande pano branco estava pendurado, fazendo a ornamentação. O pano começou a pegar fogo e todos os presentes se desesperaram saindo correndo da igreja. Alguns deles gritavam:

- Castigo! Isso é castigo!

CASO DO RÁDIO

Antigamente, quando quase ninguém na Serra do Camapuã tinha um rádio, o casal Olinda e Artur que morava pertinho da igreja apareceu com um que funcionava com uma pilha. O objeto falante, logo chamou a atenção do pessoal que se aproximava da casa deles atraído pelas notícias ou pelas melodiosas vozes dos cantores e cantoras.

Certo dia, Seu Artur estava ouvindo seu radinho em casa e vários rapazes começaram a se sentar em um pau em frente a casa dele para ouvirem também. Não demorou muito para o lugar estar cheio de gente. Na hora que Artur viu todas aquelas pessoas, tratou de dizer em alto e bom som para sua esposa:

- Vou desligar, Olinda, se não vai gastar muita pilha, porque tem muita gente escutando.

Dizem que, na Copa do mundo de 1958, quase não cabiam as pessoas na porta da casa dos dois para ouvirem as narrações dos jogos. Tomara que ele tenha comprado pilhas reservas, pois o Brasil foi campeão e acho que ninguém queria perder os gols.

QUANDO UMA IMAGEM DE SANTO QUEBRA

Diz a lenda que, quando se quebra um santo em casa, não pode remendar e nem jogar fora e sim deve-se levar para a igreja.

Na janela da Capela de Nossa Senhora das Graças, você encontra vários cacos de imagens quebradas que as pessoas têm levado por anos.

BANHEIRO?

Depois de fazer suas necessidades no mato, as pessoas tinham o costume de usar folha de assa peixe ou sabugo de milho para se limpar.

BRINQUEDOS

Boneca de espiga de milho; violinha com caco de cuia e gomas de botina; bola de meia; peteca de palha de milho com pena de galinha; carrinho de frutas de lobo ou de marmelada do mato; boizinho de chuchu; vaquinha de abóbora com os pés de pedacinhos de madeira; caminhãozinho de caixa de papelão; moinho d'água de rodinha de madeira com dentes feitos de faca de cozinha ou de catraca de bicicleta usada; perna de pau de bambu; carrinho de boi de sabugo de milho; cavalinho de cana de açúcar; gangorra de cipó ou corrente de carro de boi; estilingue; bodoque; pedrinhas no cano de bambu com uma alça; sapato de lata para equilibrar em cima...

BRINCADEIRAS

De escolinha, com quadro de tábua, carvão e argila para escrever; de assombração vestindo lençol na cabeça ou se pintando de carvão ou pó de café; de pique esconde; de venda, recebendo os pagamentos com folhas de café e bolinha de açúcar; de nadar no rio, córrego e nas lagoas que a chuva formava; de fazer rastro de bicho feito onça e lobo, com os dedos sobre a areia; de roda no terreiro; de subir em bambu e entortá-lo até ele ficar curvado; de colocar tanajura em palitos, para elas baterem as asas e ficarem parecendo um motor; de imitar buzina, berrante e motor de carro com a voz; de cabra cega; de castelo de areia na terra; de cinco marias; de guerra de mamona; de descer barranco em casca de coqueiro; de pular corda; de passa anel; de soltar papagaio; de roda de mãos dadas, em noite de lua clara...

AS PARTEIRAS E OS NASCIMENTOS

Era costume, na zona rural, que as mulheres dessem à luz a seus filhos em suas próprias casas em companhia das parteiras. Na região da Serra do Camapuã, algumas dessas mulheres foram: Maria Dias, Sinhá do Ademar, Sá Ritinha, Chica do Engenho, Dona Vida, Pirica, Durvalina, Marilis...

Quando as mulheres começavam a sentir as dores do parto, alguém da família saía para avisar à parteira que vinha a pé ou à cavalo. Comumente eram chamadas duas parteiras ao mesmo tempo, para o caso de alguma estar atendendo outra mulher em trabalho de parto e não chegar a tempo.

Quando ocorria algum problema no nascimento e era necessário ir para a cidade, as parturientes eram transportadas nos carros de boi que eram forrados com lençóis e seguiam cantando para a cidade. Muitos umbigos foram cortados na estrada à caminho de Entre Rios.

Quando uma criança nascia prematura, os pais corriam para batizá-la para que ela não morresse

pagã, pois a mortalidade de bebês era muito alta. Outra coisa habitual era a realização de pequenas intervenções nas crianças que nasciam com algum problema, como, por exemplo, essa história que a Luzia nos contou:

“Minha avó por parte de pai era parteira. Todo mundo nasceu com ela. Eu, minha mãe me contava, não sei se é verdade, que ela fez até uma cirurgia na minha língua com uma gilete. Diz que minha língua era pregada. Eu nasci de oito meses, fora de tempo, aí ela falou assim pra minha mãe: “Eu vou fazer isso porque o jeito que eu estou vendo, ela não vai escapar, vamos pelo menos tentar. Se ela ficar assim, ela não vai mamar, como é que ela vai viver? Ela vai morrer.” A mãe ficou apavorada com aquela “sanguera” que deu. Depois ela veio lavando tudo e passou um álcool. Diz que ela mandava minha mãe tirar leite no peito, colocava na colher e ia pondo na minha boca até eu completar nove meses. Eu recuperei e tô aí até hoje!”

OS NAMOROS

“Eu já namorei menina pelo buraco da parede, só podia ver os olhos dela. Ela tinha os olhos azuli igual uma coruja. Eu ficava no banco da sala, ela dentro da cozinha e eu olhando pelo buraco. Depois que noivou, podia levar pra sala. Aí sentava o pai, a mãe, a menina no meio dos dois, o irmão e a gente lá do outro lado. Aí como é que tinha diálogo com esse tanto de gente em cima docê?”

Tarcísio Ferreira Chaves

ESPIANDO AS NOIVAS

Houve um tempo em que as noivas costumavam trocar de roupa na casa de Dona Elpídia Borges. Contam que seus filhos Totonho e Geraldo Borges, quando meninos, a fim de espiar as moças se arrumarem, subiam no forro do telhado onde tinham feito um buraco.

Certo dia, quando estavam escondidinhos apoiados nos barrotes, eles começaram a discutir:

- Ô Geraldo, arreda pra lá. Arreda um pouquinho pra lá.
- O que foi, Totonho? Fica quieto!
- Arreda que não tá dando pra eu ver.

E com aquele empurra pra cá, empurra pra lá, o Geraldo acabou saindo de cima do barrote e vazou pelo forro abaixo caindo no chão na frente das moças.



BENZIMENTOS

Maria José do Nascimento benzia todos que a procuravam pedindo ajuda. Ensinou sua filha Maria Madalena do Nascimento Resende e, quando já estava idosa, seu neto Rafael José de Resende a fazer as rezas.

Atualmente, é ele quem faz a maioria dos benzimentos nas pessoas que pedem atendimento. Segundo Rafael, mau olhado benze com um copo d'água e nove brasas; para dor de cabeça de sol, você coloca um copo de água sobre a cabeça da pessoa, embaixo do copo, uma toalhinha branca, benze com nove galhinhos de alecrim do campo e a água deve ser jogada pelo lado que o sol sai; para torcicolo, mal jeito e coluna, benze com um novelo, linha e agulha e simula que está costurando o mal jeito; cobreiro você faz três cortezinhos em nove talos de mamona e benze com eles e quebrante, mais comum em bebês, também usa a brasa no copo.



BENZER A COBRA

Na zona rural é muito comum aparecerem cobras das mais variadas espécies, tanto venenosas, quanto mais mansas. Se você encontrar com uma e não tiver coragem de matar, tem que mandar benzer. A cobra benzida fica mansa por cinco anos.

OS CHÁS E AS ERVAS

Antigamente, quando alguém ficava doente, era muito difícil encontrar um médico, somente famílias ricas tinham esse acesso. O jeito então era tratar das enfermidades por meio de chás e ervas.

Conheça algumas receitas dessa sabedoria popular que curou tanta gente:

Para gripes e resfriados:

- Poejo com folha de figo, manga, laranja e mel;
- Melão de São Caetano;
- Folhas de laranjeira com açúcar e sal (trata gripe e dor de cabeça);
- Limão com própolis e canela;
- Alho (trata gripe e infecção).

Para tratar dos pulmões:

- Folhas de eucalipto com mel (xarope);
- Cascas e folhas de assa peixe (trata pneumonia).

Para tratar dos rins:

- Cabelo de milho;
- Folha de abacate seca;
- Cavalinha do brejo (também trata pressão alta);
- Quebra pedra.

Para dor de barriga, mal estar e constipação intestinal:

- Folha de goiaba;
- Alecrim de vassoura;
- Hissopo com bicarbonato de sódio;
- Macela galega ou macelinha da horta (para bebês);
- Limão com água;
- Mentrasto.

Calmante e relaxante:

- Erva doce;
- Funcho (para crianças);
- Erva cidreira ou capim cidreira;
- Camomila;
- Maracujá.

Vermífugo:

- Erva de Santa Maria;
- Hortelã.

Para fortalecer o sistema imunológico:

- Gengibre;
- Erva doce e alecrim.

E mais:

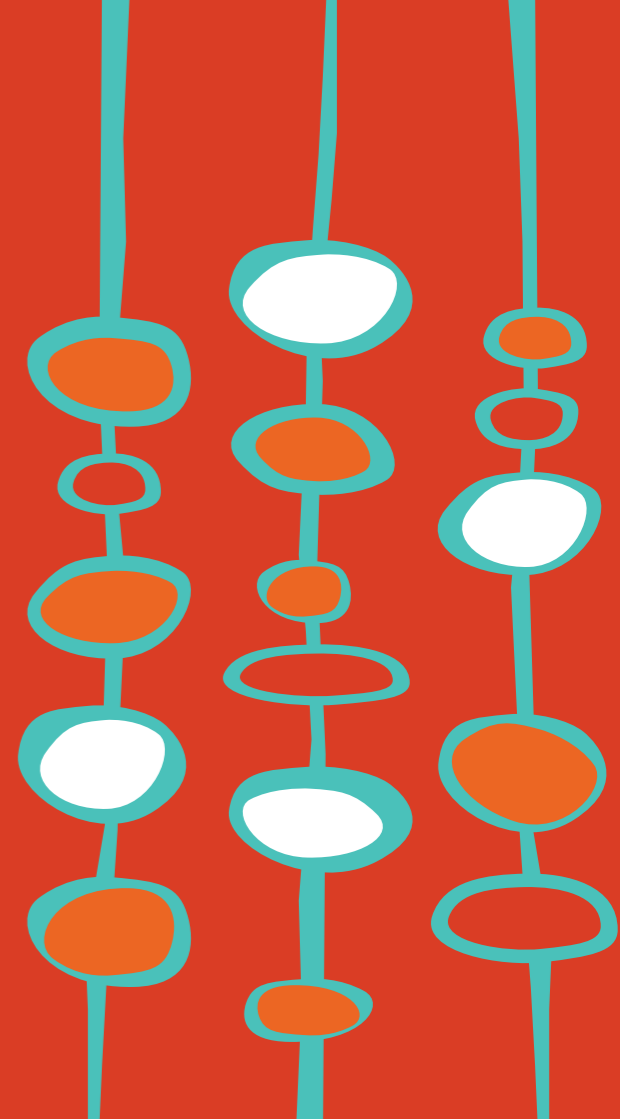
- Barbatimão, cicatrizante de machucado;
- Carqueja, usado para tratar dores e também para lavar os cabelos, pois é um poderoso anticaspas;
- Azeite de mamona, emplastos em geral;
- Chapéu de couro, anti-inflamatório;
- Terra de formigueiro com água, para tratar dores em geral de animais quadrúpedes - ingestão e emplastro;
- Amora roxa, para menopausa;
- Amora que tem espinho, para fazer gargarejo;
- Própolis, previne infecções e alivia sintomas de dor de garganta e tosse;
- Arnica no álcool, para aplicar no local da dor;
- Rosa branca, para dar banho, tratar feridas e para beber;
- Agrião, laxante e preventivo do câncer;
- Argilas, aplicação tópica para combater dores, machucados e para estancar sangue do nariz;
- Folha de maracujá, para tratar pressão alta.



EU OUVI DIZER QUE...

A curiosidade é uma característica comum nas pessoas e mal não há em querer saber o que aconteceu com a gente do nosso lugar.

Então, senta, que lá vem história... e vai dar pra rir, estranhar, conhecer e matar saudade.



A LIMPADORA DA IGREJA

Outrora, havia algumas mulheres que eram conhecidas como as limpadeiras da igreja, pois elas eram responsáveis pela manutenção da limpeza dos santos, do altar e dos outros objetos do santuário.

Na ocasião, uma dessas limpadeiras percebeu que a imagem da Maria Concebida que era branquinha, branquinha, estava muito empoeirada e não tinha um pingote de água ali, para que ela pudesse limpar. Bom, querendo solucionar a questão, ela não pensou duas vezes, cuspiu em seu paninho e limpou a santa com

sua saliva. Em seguida, o sino da igreja tocou por três vezes. A mulher entrou em pânico e começou a chorar, copiosamente, até ser acudida por algumas pessoas que estavam chegando ali.

- O que aconteceu, senhora? Fala alguma coisa.

- Não tem ninguém lá em cima, o sino da igreja tocou sozinho porque eu cuspi no lenço e passei na santa.

Depois desse dia, ela nunca mais usou desse tipo de artifício para realizar a limpeza da igreja, pois sabia que Nossa Senhora tinha chamado sua atenção.



Não tem nada melhor do que um biscoitinho feito em casa, não é? Na casa da Telma eles tinham o costume de fazer biscoitos todos os sábados. A cada fornada, as delícias eram colocadas em um balaio de taquara maior e guardadas na despensa da casa.

Aquele sábado tinha sido de muito trabalho e a mãe de Telma decidiu que aquela seria a última fornada e que, depois dela, todos descansariam, pois já tinham biscoito para a semana inteira.

Quando Telma foi levar esse último balainho de biscoito para a despensa para juntar com todas as outras fornadas, ela foi surpreendida por um cabrito que saía de dentro da cozinha.

O bicho assustado, quase trombou com ela e saiu correndo.

- Volta aqui, cabrito! Volta aqui! - disse Telma correndo atrás do animal que pulou a janela e saiu berrando.

Retornando a despensa, ela percebeu que o danado tinha comido todos os biscoitos que elas passaram a tarde fazendo, não sobrando um sequer. Que tristeza! O jeito foi ficar sem biscoito naquela semana.

E como imagino que essa história tenha dado água na boca, segue a receita.

RECEITA DO BISCOITO QUE O CABRITO COMEU

Em uma vasilha, coloque um quilo de polvilho azedo, pingue um pouquinho de água e vá “cevando” até que ele fique com a massa boa;

Em uma panela, coloque um copo de água, um copo de leite, um copo de gordura ou óleo de cozinha, uma pitada de sal e ponha para ferver;

Assim que levantar fervura no conteúdo da panela, despeje ele quente em cima do polvilho que está na vasilha e mexa bem;

Com a massa mexida, abra um buracinho no meio e coloque um ou dois ovos, mais uma pitada de sal, mais um pouco de gordura e mexa novamente. Se for gordura de porco, derreta antes de colocar. Quanto mais mole a massa ficar, mais o biscoito cresce;

Depois de pronta a massa é só enrolar o biscoito na mão e colocar para assar.

Para fazer o biscoito misturado, que também era comum na casa de Telma, você pode fazer a receita igual a de cima, mas colocando farinha de beiju, fubá ou angu.

Bom apetite!

COMPADRE LOBISOMEM

Quando Seu Lino era criança, na Serra do Camapuã, corria o boato de que um senhor virava lobisOMEM. Certa vez, o menino foi na venda do Salvador e deu de cara com esse senhor. Enquanto fazia suas compras, o menino não tirava os olhos do tal lobisOMEM. Salvador, percebendo a cisma de Lino, decidiu lhe pregar uma peça dizendo:

- Você já ouviu falar que aqui na serra tem um homem que vira lobisOMEM?

E enquanto falava, o danado do homem, começou a desabotoar a camisa olhando para o menino.

Não precisou nem terminar o último botão para que Lino saísse como um raio por cima do balcão do bar, passando por dentro da casa do seu tio, fugindo pela horta, pulando uma cerca e atravessando um bambuzal pra chegar em casa morrendo de medo, achando que o lobisOMEM estava atrás dele.

TIÃO CRIATURA E O CASO DA VELHA E DO RAPAZ

Todo dia o Seu Sebastião Rodrigo da Silva Sobrinho, o Tião Criatura, vai para a porta da Igreja de Nossa Senhora das Dores, para ver o movimento da Serra e bater papo com quem passa por ali. Segundo ele, “o papo com gente de fora da casa é mais gostoso do que o com gente de casa. O povo conta piada diferente, os de casa é o mesmo papo todo dia. Então eu venho pra cá porque um fala, o outro fala...”

E ele contou, que sua mãe contava, que, certa noite escura, um rapaz voltava para casa depois de um dia de lida brava na lavoura e, quando passou em frente ao cemitério, topou com uma velha.

- A senhora não tem medo de andar sozinha a essas horas, não?

E ela respondeu:

- Quando eu era viva eu tinha medo, agora não tenho mais não.

PASSAGEM DA BOIADA

Um homem na frente da boiada, montado em uma mula, tocando o berrante para avisar ao povo que os bois iam passar e outros tantos o acompanhando, ajudando a cercar os animais. As mulheres e as crianças corriam para dentro de casa, porque eram de trezentos a quatrocentos bois bravos. De tempos em tempos, eles paravam e contavam os animais para ver se nenhum tinha se perdido pelo caminho. Na janela das casas, as crianças olhavam curiosas.

Após a passagem, um rastro de esterco deixado na comunidade.

ADELINA

Dizem que a Adelina Cardoso Machado capina uma roça como ninguém e deixa qualquer homem no chinelo tamanha a qualidade do seu trabalho.

SEU LINO E A CODORNA

Quando Seu Lino era criança de uns seis ou sete anos, morreu uma de suas tias. Naquele tempo e até hoje, os enterros aconteciam na Capela Olhos D'água, só que não tinha ponte para chegar lá. Quando o rio estava raso, as pessoas atravessavam por dentro dele mesmo, mas quando ele estava cheio, não tinha outro jeito a não ser passar pela pinguela que balançava bastante, tanto que as mulheres acompanhavam o enterro até o rio, dali adiante, somente os homens continuavam. Isso tudo, carregando o corpo em cima de uma "padiola" feita de bambu pelas próprias pessoas da serra para levar o caixão.

A frente do cortejo, estava Lino carregando uma cruz com uma coroa enquanto todos rezavam lamentando tristemente aquela perda. De repente, passou na frente do menino uma codorna que lhe pareceu muito suculenta. Ah! Ele não pensou duas vezes e usou a cruz mesmo para dar uma paulada na ave fazendo voar penas para tudo enquanto que é lado. O riso foi geral, tanto que tiveram que colocar a padiola no chão para, só depois, continuar o cortejo para o enterro de sua tia. No caminho de volta para casa após o enterro, Lino vinha com sua codorna embaixo do braço.

O CASO DA ABOBRINHA

Antigamente os pais mantinham os filhos na rédea curta e, quando as crianças faziam algo errado, eram repreendidas prontamente.

Certa vez, um menino foi até a casa de uma prima de sua mãe e, ao chegar lá, se deparou com uma linda e suculenta planta de abobrinha. Encantado, ele não resistiu e apanhou uma para levar embora sem contar a ninguém.

Chegando em casa, sua mãe percebeu que ele estava com a abobrinha na mão e foi logo perguntando:

- Onde você arrumou essa abobrinha, menino?
- Na casa da Bilica. - ele disse.
- Ela te deu?
- Deu.
- Então vamos lá agora. - E os dois fizeram o caminho de volta para que a mãe verificasse se o filho estava falando a verdade ou não.

O caminho inteirinho o menino tremia igual

vara verde sabendo que seria castigado. Ao chegar na casa da Bilica, a mãe foi logo dizendo:

- Eu trouxe meu menino aqui porque ele disse que você deu essa abobrinha pra ele, é verdade?
- As abobrinhas estão aí, pode pegar... - ela falou.
- Mas você deu ou não deu?
- Não, ele apanhou, mas não tem problema.
- Não senhora, eu não aceito isso, eu não quero meu filho ladrão. Hoje ele pega uma abobrinha sua aqui, amanhã ele vai roubar uma galinha e depois um trem maior. - E começou a bater no menino com vara enquanto a Bilica tentava defendê-lo.

Depois da surra, ela ainda continuou:

- Bilica, essa abobrinha vai ficar aqui com você. Essa, ele não leva. Se ele quiser, vai lá horta e apanha outra agora que você tá sabendo, mas a roubada ele não leva. Comigo é assim.

TOCAIA



Antigamente, muitos homens trabalhavam na mineração do Cocuruto e todo o trajeto de casa para o trabalho e do trabalho para a casa, era feito a pé ou a cavalo, mas sempre em bando. No mesmo horário, eles iam, no mesmo horário voltavam e, comumente, as mulheres ficavam em casa cuidando dos serviços domésticos.

Acontece que a mulher de um desses senhores começou a perceber que seu marido chegava sempre mais tarde que todos os outros e ficou desconfiada de que ele estava aprontando alguma coisa no caminho de volta. Decidida a descobrir o que estava acontecendo de fato, ela resolveu se vestir de homem com calça e camisa e colocou até uma enxada nas costas para “tocaiar” o marido.

Como ela já sabia o trajeto que ele fazia, foi fácil escolher um lugar perto da “tronqueira” para se esconder e vigiá-lo na passagem. Não demorou muito e ele apareceu, mas ao invés de seguir o rumo de casa, tomou o caminho dos fundos do terreno da casa de uma outra mulher, sua amante, que, pelo visto, o esperava todos os dias arrumada e perfumosa. Quando sua mulher viu, tratou de sair do esconderijo e bater nele com a enxada e de toda forma que conseguia enquanto ele gritava pedindo socorro.

Quanto a amante, essa teve que dar a volta por outras estradas da serra que não a da casa daquela senhora a vida inteira com medo de apanhar também.

MADALENA E LEONINO

Madalena e Leonino moravam bem na beirinha da linha do trem que vinha trazendo minério do Cocuruto. O casal vivia bem seguindo sua pacata vida. Madalena ficava mais em casa fazendo os serviços domésticos e cuidando das crianças e Leonino era caixeiro viajante estando, constantemente, fora para vender os seus produtos. A Maria Fumaça passava com regularidade, perto da casa dos dois e o maquinista tinha o costume de sempre tocar o apito naquela parte do trajeto.

Sucedo que Leonino, começou a achar que o maquinista estava interessado em sua mulher

pois, segundo ele, o homem apitava a máquina de forma que ela “dizia”:

- Madaleeeeeeeeeenaaaaaaaaa!

O tempo foi passando, Madalena tentava explicar ao marido que aquilo não fazia sentido algum, mas ele ia se irritando cada vez mais com aquela situação, pois julgava que o homem estava lhe provocando.

Certo dia, Leonino não aguentou mais ouvir a maria fumaça apitando o nome de sua esposa, pegou sua cartucheira e atirou no maquinista que morreu na hora.

O MARIDO CIUMENTO DA PROFESSORA

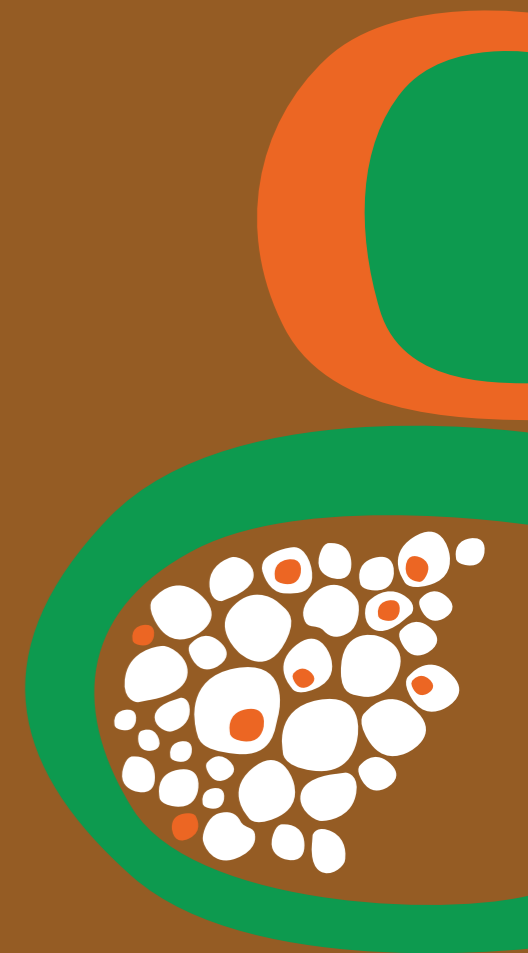
Existiu uma professora na Serra que era apaixonada pelo ofício de lecionar e que queria muito dar aulas na escola, porém, seu marido era muito ciumento e não permitia que ela saísse de casa para trabalhar ou que convivesse com outros homens. A solução arranjada foi que ela lecionasse na casa deles, recebendo os alunos para ensiná-los ali.

Como o ciúme de seu marido era muito grande, ele peneirava cinzas em volta de toda casa para ter total controle de quem entrava e quem saía de lá. Até algumas crianças eram vetadas de participarem da aula, homens adultos então, de jeito nenhum.

ENTRE SUSTOS E VULTOS: CASOS DE CEMITÉRIO

Tendo medo ou não, os casos de cemitério chamam atenção de todos, pois apresentam questões que, muitas vezes, não sabemos responder.

Na Serra do Camapuã não é diferente e a gente arrepiia só de ler.



COMO O ADÃO VIROU COVEIRO

Quando Adão era um moço de uns treze, quatorze anos, três coveiros atendiam a região: Juca, Geraldo do Amador e Zé Buraco, que era irmão de Adão e gostava de tomar umas cachacinhas.

Num dia de chuva, quando morreu o senhor Manoel Azevedo, Zé Buraco pediu que Adão pegasse a chave da capela que ficava com o Juca da Fazenda Boa Vista e trouxesse para ele.

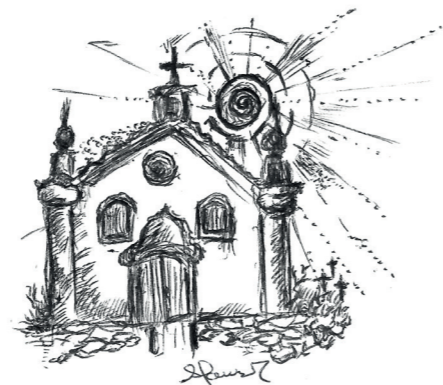
Chegando à fazenda do Juca, o fazendeiro tomou um baita susto ao saber que o seu amigo tinha morrido.

- Compadre Manoel morreu, Adão? Não acredito! Ontem mesmo ele tava cortando arroz e eu topei com ele. Toma aqui a chave e eu vou com você.

Adão e Juca da Boa Vista seguiram rumo ao cemitério da capela, pois este último queria confirmar se a morte era mesmo verdadeira. Os dois quase não conseguiram passar pelo córrego porque estava muito cheio, era época de enchente, mas, após uma longa caminhada, chegaram à capela. Zé Buraco estava tonto, Juca estava tonto, Geraldo estava tonto e foram logo pedindo que Adão começasse a cavar a cova, e assim ele fez.

Quando os coveiros antigos foram conferir, o buraco estava pronto, faltava só raspar as beiradas. Desde então, Adão não parou mais. Quando alguém morre na Serra do Camapuã é ele que prontamente atende, fazendo um serviço muito cuidadoso.

O HOMEM DA FOTO



Dia de festa na capela Olhos D'água! Adão estava arrumando a igreja quando, de repente, apareceu um rapaz muito bem apessoado vestindo terno e gravata.

- Opa moço, o senhor veio para missa e para a festa?

- Vim sim, cheguei cedo?

E os dois ficaram conversando por um certo tempo sobre assuntos do dia a dia, inclusive o rapaz lamentou a respeito do sumiço da santa, Nossa Senhora da Lapa, que tinha ocorrido há pouco tempo.

Quando Adão terminou o serviço que estava fazendo, o homem se despediu e foi andando em direção a um túmulo. Adão deu cinco passos para o outro lado e, quando olhou para trás, não viu o homem em lugar nenhum.

Passados alguns dias, Adão foi a casa de um conhecido fazer uma visita. Quando ele olhou para a fotografia na parede da sala, reconheceu o mesmo terno, a mesma gravata, o mesmo homem que havia lhe encontrado no dia da festa. Intrigado, ele perguntou ao dono da casa quem era o rapaz e se surpreendeu ao descobrir que era um familiar falecido há anos.

MISTÉRIO

“O que eu já notei, várias vezes, no cemitério é assim, tem uma voz lá que me chama, eu caço ela, mas não acho não. E as louças que tem na igreja, às vezes eu tô lá, com pouco prazo eu escuto “trim, trim, trim”. E não tem ninguém.”

Adão Ferreira de Azevedo

PESSOA RUIM E PESSOA BOA

Adão disse que, na hora de enterrar uma pessoa, ele sabe direitinho se ela foi ruim ou boa em vida.

Quando a pessoa foi muito ruim, você pode cavar, cavar e cavar, arrancando um mundo de terra que, na hora de pôr o caixão no lugar, a cova fica rente.

Já quando a pessoa foi boa, vira aquele cupim enorme com um montão de terra.

CASO DO HOMEM PESADO

Acostumado a enterrar muita gente, Adão conta que essa situação nunca havia acontecido antes e que ele arrepia só de lembrar.

Adão estava na Capela Olhos D'água esperando que a funerária trouxesse um defunto para fazer o enterro. De repente, ele escutou um barulho muito alto e correu para a porta da igreja para ver o que tinha acontecido. Grande foi a surpresa ao perceber que o carro da funerária tinha virado, sem mais nem menos, em cima da cerca e que o caixão tinha caído para fora do veículo.

Adão correu para ajudar e, como tinham os funcionários da funerária para carregar, ficaria fácil colocar o caixão de volta no lugar. Acontece que, apesar do defunto ser um homem magro, o caixão estava extremamente pesado fazendo com que ninguém conseguisse levantá-lo do chão. Era um forçando de um lado, o outro forçando do outro lado e nada, o peso era muito grande, o caixão não saía do lugar. O que fazer? Não dava para desistir do enterro, o corpo já estava ali.

- Vamos chamar o pessoal lá da cidade pra ajudar porque só a gente tá difícil demais, sô. - falou o motorista do carro.

Mas antes de mandar recado para a funerária para pedir ajuda para mais alguém, eles decidiram tentar, mais uma vez, respiraram fundo e, com muito custo, levantaram o caixão e começaram a caminhar em direção ao portãozinho da capela para entrarem no cemitério. Quando estavam na frente do portãozinho, o caixão foi pesando mais e mais e novamente os rapazes quase não aguentando carregá-lo, tiveram que firmar os dedos nas alças para não deixá-lo cair e, com muito esforço e suor, passaram pelo portão da igreja e levaram o corpo até a cova já preparada. A impressão que eles tiveram é que o homem não queria entrar na capela de jeito nenhum, por isso o peso era tão grande.

Diz Adão que, não sabe o que aconteceu, mas sabe que aquele homem era uma pessoa muito ruim, que não acreditava em Deus e que costumava fazer maldade com as pessoas.

MANOEL FERREIRA DA FONSECA E JOSÉ AURELIANO

Contam que José Aureliano era dono das terras onde se localiza o cemitério Olhos D'água e que, em um dado momento, não se sabe em razão de uma epidemia de febre amarela ou por algum motivo político, ele não quis que nenhum corpo fosse mais enterrado lá.

Manoel Ferreira da Fonseca, que era tio do avô de Adão, ficou sabendo da situação e que havia até dois corpos, na porta do cemitério para serem enterrados, mas que não tinham autorização, e foi ter com José Aureliano. Os dois discutiram muito e Manoel não conseguiu convencer Aureliano a deixar o cemitério em funcionamento.

Um tempo antes, tinha aberto um outro cemitério na Serra, localizado no Bom Jardim, que passou a atender a região. Enquanto isso, Manoel sempre muito desgostoso com a situação, escreveu uma carta que foi encaminhada às autoridades, pedindo a reabertura do cemitério Olhos D'água e dizendo que, quando ele morresse, queria ser enterrado lá. Segundo ele, no novo cemitério, os corpos eram descobertos

pelos tatus e pelos cachorros e essa situação era revoltante para qualquer ser humano, principalmente aqueles dotados de fé católica e que viviam em comunhão com a igreja.

Na semana que Manoel ganhou o parecer favorável à reabertura do cemitério Olhos D'água, ele morreu e foi enterrado em outro cemitério. José Aureliano também morreu, naquela semana e dizem que, após alguns dias do falecimento, ele apareceu para sua mulher Celestina dizendo que era para ela entregar a chave para que o Olhos D'água fosse reaberto, assim ele ficaria em paz.

Passados, aproximadamente, quarenta e cinco anos da morte de Manoel Ferreira da Fonseca, ele também apareceu em sonho, mas foi para sua neta, Maria de Lourdes Fonseca, pedindo para que seus restos mortais fossem levados para o cemitério Olhos D'água e assim ela fez.

Adão conta que a roupa de Manoel estava em perfeito estado, somente com os ossos dentro.

Confira a seguir a carta do Manoel:

Fui a cidade de E. Rios eu com sento e setenta e cinco firmas pedir as autoridades abertura do nosso cemitério de N. Senhora da Lapa alegando as enormes dificuldades para os enterros três léguas de distâncias rios sem pontes todos nos prompts a pagar qualquer despesas em conformidade com a lei não sendo atendido agora me apego com a Senhora da Lapa e Sagrado Coração de Jesus, recomendações que faço aos meus filhos e meus amigos quando eu morrer, em primeiro lugar, a paz de Jesus Christo e Nossa Mãe Maria Santíssima seja com nós. 2º levarem o meu cadáver em frente a porta da igreja de No. Senhora da Lapa, lerem em voz em alta as petições que faço a Senhora da Lapa não entrar no cemitério, nem abrir sepultura sem licença das autoridades.

1
*Bom Jesus peço licença
Para minhas mágoas queixar
Meus trabalhos neste mundo
Meu alívio hey de chorar*

2
*Minha Mãe Nossa Senhora
Minha Virgem do disterro
Peço que seja lido
No dia do meu enterro*

3
*O Senhora da Lapa
Aonde eu fui baptizado
E neste cemitério desejo
Ser enterrado*

4
*Pella água do baptismo
Pella sagrada paixão
Desejo ser enterrado
Aonde está minha geração*

5
*Oh! Senhora da Lapa
Veja a minha contrição
Determine o meu enterro
E vos peço salvação*

6
*Todos os anjos e os santos
Eu chamo com contrição
E vos peço por esmola
Que guarneça meu caixão*

7
*O cemitério que aumentemos
Ficará não suprimido
Os milagres da Nossa Senhora
da Lapa
Não serão desmentidos*

8
*A justiça de E. Rios
Meus collegas deportido
Primeiro favor que pedi
Não pude ser atendido*

9
*Peço a Senhora da Lapa
Que mostre meus irmãos
Se a justiça divina
Se façam justiça ou não*

10
*Não teve vallor
O meu baixo assignado
Com sento e setenta firmas
Todas foram enjuriadas*

11
*Oh Senhora da Lapa
Que não me sai do sentido
Mesmo depois de morto
Não hei de ser desmentido*

12
*O mundo tão acabado
Se isto parece um sonho
Pois os enterros
Já separam os matrimonios*

13
*Me vejo obrigado
A falar um bocadinho
João Vieira nos Olhos D'água
Sá Olímpia no Curralinho*

14
*O cemitério da Serra
É falta de religião
As criaturas humanas
Enterradas num cerradão*

15
*Um grande cerradão
Que nunca deu cajú
As criaturas humanas
Devoradas pellos tatú*

16
*Estas criaturas que foram
baptizadas
Tem o matrimonio a mama celeste
Será possível que sejam
Enterrados como campestre*

17

*Suprimiro um cemitério
Sercado de paredão
Para enterros num serrado
Tratár de tatu e cão*

18

*Oh! Senhora da Lapa
Que acorde meus irmãos
Vejam q. isso é um horror
É falta de religião*

19

*Meus irmãos eu aviso
E peço de coração
Pois a todos eu desejo
a Nossa salvação*

20

*Tenho sido injuriado
Por muitos de meus irmãos
Sofro com paciencia
Só desejo a salvação*

21

*Salvo o Juiz de direitos
E também o promotor
Por fazer justiça reta
Estes nunca negou*

22

*Tudo isto que digo
Eu posso aprovar
Com homens juramentados
Todos deste lugar*

23

*A caridade acabou
E também a contrição
A fé do gozo pra cima]
Não pode ser salvação*

24

*São três pontas principais
Da nossa religião
A fé a caridade
E também a contrição*

25

*Suprimiro o cemitério
Com toda ingratidão
Embargaram dois cadáveres
Para enterrar no Serradão*

26

*Oh! Quem homem
Que falta de religião
Para ser enterrados
Dar carne tatu e cão*

27

*Valha-me Nossa Senhora
Meu senhor S. Bento
Os padres devem ver isto
E tomar conhecimento*

28

*A industria de hoje em dia
Podia ser muito bom
Se viesse acompanhada
Da fé a contrição*

29

*A baixai o vosso orgulho
Que sois terra cinza e arada
A direita de Deus Padre
Respeitarmos a lei sagrada*

30-31

*(...)
trecho danificado
(...)*

32

*Com M. me assigno
Com dois F. f. sobrenome
Assim eu despeço
Assignando o mesmo nome*

33

*A justiça da terra negou
N. Senhora da Lapa não nega
Viva Jesus Maria José
Viva os católicos de fé*

34

*Vejam que ingratidão
Fizeram comigo coitado
Pagaram o bem com o mal
Isto estou acostumado*

35

*Atentemos nosso recursos
Pedindo esta gente
Abertura de um cemitério
De uma igreja independente*

*Manoel Ferreira da Fonseca
9 de outubro de 1938*

CASO DO CICLISTA NA CAPELA OLHOS D'ÁGUA

Certa vez, no fim do dia, Adão voltava, tranquilamente, da fazenda onde trabalhava olhando os pássaros e as plantas do caminho. Já estava começando a escurecer, quando ele chegou ao morro, perto da Capela Olhos D'água, e começou a escutar uma zueira que aumentava e se aproximava dele cada vez mais.

- Meu Deus do céu, o que é isso? Qualquer coisa eu escondo lá na capela. - ele pensou.

Dali a pouco, Adão olhou para o céu e viu que estava muito escuro e que a zueira era do vento e de uma chuva muito forte chegando rapidamente. Ele correu para não se molhar e pulou para dentro do portãozinho da capela, querendo achar um lugar para se esconder. Quando ele colocou as mãos no bolso, viu que estava sem a chave e que teria que dar outro jeito.

Ali ao lado da capela, no cemitério, tem um túmulo aberto e Adão pensou que seria tranquilo

se ele se escondesse lá dentro, visto que já estava acostumado com a turma de lá mesmo. "Eu entrei foi de fasto e fiquei escondidinho da chuva lá dentro do túmulo" contou.

Não demorou muito, ele começou a ouvir um barulho "tec, tec, tec, tec" e achou estranho, mas continuou ali.

A chuva passou e Adão decidiu sair do esconderijo para continuar o seu caminho de volta para casa. Na hora que ele deu um pulo pra fora da cova, deu de cara com um ciclista que também tinha parado ali e que quase morreu do coração ao vê-lo sair de dentro do túmulo. Com o susto, o rapaz correu pra cima da bicicleta e saiu pedalando enquanto Adão corria atrás dele gritando: Moço, volta aqui, moço, sou eu!

Com certeza esse ciclista deve fazer outras rotas atualmente.

PESSOA DURA PARA ENTERRAR

Às vezes acontece de, na hora de enterrar uma pessoa, ela estar com alguma parte do corpo bem dura. Para isso, o sistema de Adão é conversar com ela:

- Ô fulano, vamos arrumar. Porque as portas do céu já estão abertas procê, os anjos e arcanjos já as abriram."

E a pessoa vai amolecendo e estica normalmente.

A MULHER SECA DO OLHOS D'ÁGUA

No porão da capela, debaixo do altar, ficava o caixão dela que era diferente de todos os outros: um caixão prateado. Dizem que, em vida, ela foi uma mulher muito rica.

BISCOITO DE OSSO

Segundo contam, existiu uma mulher que, quando uma criança morria e era enterrada no Cemitério Olhos D'água, ela ia lá, pegava os ossos, triturava e fazia biscoito para vender. Os biscoitos eram um sucesso em todo lugar que ela passava.

DESAFIO ENTRE AMIGOS

Na porta da casa do Seu Jair Borges, os homens tinham costume de se reunir para bater papo em encontros que eles chamavam de assembleia. Alvino Borges, que tinha costume de usar uma longa capa que cobria toda sua roupa, era frequentador assíduo do local e tinha fama de ser muito metido a valentão.

Certa vez, os amigos o desafiaram:

- Alvino, duvido que você vai lá no Olhos D'água de noite.

- Ah, isso é fácil, eu não tenho medo de nada, não. - respondeu.

- Mas então você vai ter que levar um prego e um martelo para, quando chegar na capela, pregar o prego na parede. Assim, a gente vai saber que você esteve mesmo lá.

Numa noite escura, sem lua, Alvino partiu rumo à capela a fim de cumprir o desafio. Quando chegou lá, foi logo batendo o prego na parede para resolver a situação e voltar para casa. Mas algo estranho aconteceu. Ao bater com o prego na parede, ele sentiu que estava sendo puxado pela sua capa, era como se algo estivesse o segurando e ele começou a gritar desesperadamente.

- Acode, acode! Minha Nossa Senhora, me proteja!

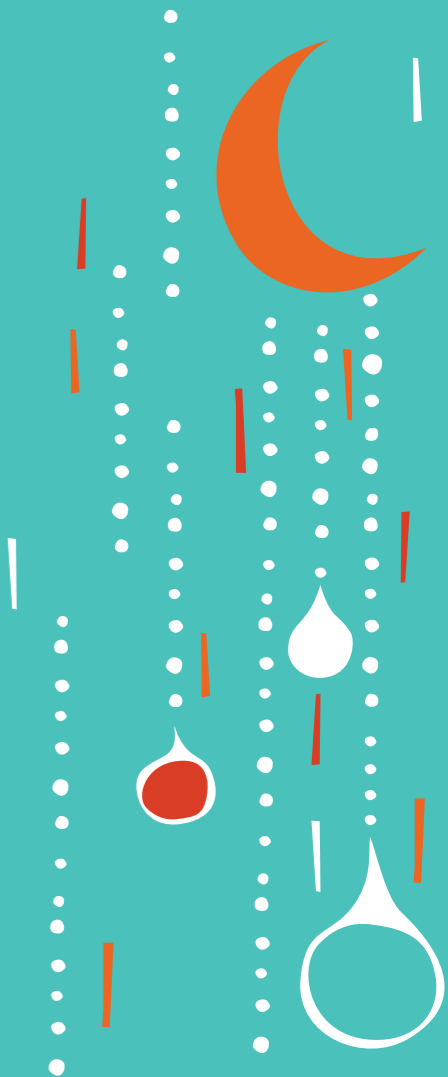
O povo da fazenda vizinha, ao ouvir os gritos, correu para socorrê-lo, e foi aí que perceberam que Alvino tinha pregado a própria capa junto com o prego na parede.

Bom, a aposta entre os amigos foi cumprida, mas a fama de ser valentão, acho que o Alvino perdeu.

ALVINO TEDEU NA SEMANA SANTA

Que coisas curiosas acontecem, durante a Quaresma e a Semana Santa, quase todo mundo sabe e na Serra não foi diferente.

Respire fundo e acompanhe aqui alguns casos.



O TATU DIFERENTE

Era Sábado de Aleluia e dois companheiros resolveram ir caçar tatu lá para os lados do Castro. Quando eles estavam chegando perto de uma mata mais fechada, avistaram o bicho que, assustado com o cachorro atrás dele, saiu correndo. Um dos rapazes foi atrás e, antes que o tatu sumisse pra dentro do buraco, o agarrou.

- Vem cá, compadre! Tô com a mão no rabinho do tatu. - ele disse.

- Peraí que eu te ajudo e juntos nós tiramos ele daí. - respondeu o amigo.

Os dois tiraram o tatu do buraco, colocaram numa capanga e quando, um deles abaixou a cabeça e enfiou a faca na bolsa, o bicho falou:

- Bobo! Cê é um capiau.

- Como é que é, compadre? O que cê falou comigo? - perguntou o rapaz.

- Falei nada não, sô. - respondeu o outro.

- Eu ouvi cê me chamar de capiau. Capiau é ocê!

- Eu não falei nada disso não, homem! Larga de ser doido!

A discussão foi esquentando, esquentando e os dois amigos acabaram caindo no tapa, no meio do mato. Nesse meio tempo, o tatu que tava dentro da capanga, mesmo ferido, se transformou em um gambá e escapou dos dois briguentos que voltaram pra casa de mãos vazias.

- Cês é tão bobo que ainda vão brigar, não conhecem tatu e nem gambá. - debochou o tatu que seguiu livre e vivinho da Silva.

CAÇADA NA SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

Para os católicos, a Sexta-feira da Paixão deve ser guardada, costuma-se não comer carne e nem trabalhar nesse dia e até mesmo os serviços domésticos não devem ser feitos em respeito à morte de Cristo.

E essa história se passa na Sexta-feira da Paixão quando dois irmãos saíram para caçar no povoado do Madrugá. A mãe dos rapazes chegou a adverti-los para que não fossem, mas eles acharam que não teria problema.

Ao chegar no mato, eles se separaram para procurar a caça. De repente, um deles ouviu o

barulho de um bicho passando por perto. Não pensou duas vezes, pegou sua cartucheira e atirou. O tiro foi certo, mas não no animal e sim no seu querido irmão.

Transtornado, o rapaz não se conformou com o ocorrido, tendo ficado, um longo tempo, atrapalhado das ideias. Mesmo depois de adulto, casado, com filhos e netos, ele nunca mais fez nada na Sexta-feira da Paixão. Trancava-se no quarto e não saía nem para comer. Por coincidência, ele faleceu anos e anos após a tragédia, em uma Sexta-feira da Paixão.

ESTRANHA BRIGA ENTRE CACHORROS

Era Quarta-feira da Semana Santa e, como o costume é guardar-se a partir da Quinta Santa depois do meio dia, o menino achou tranquilo aceitar o convite de seu pai para ir pescar.

Os dois acordaram cedo. O menino foi ajudar sua mãe a picar lenha e couve para que, no dia seguinte, não fosse preciso trabalhar e, após realizar as tarefas, foi conversar com o pai:

- Pai, eu vou pescar, mas você tem que prender esse cachorro nosso pra ele não ir com a gente, porque senão ele arruma confusão na beira do rio, late demais e nós não vamos ter sossego.

- Tá bom, meu filho. - disse o homem. E tratou de amarrar o cachorro com a corda.

Pai e filho saíram dispostos a voltar para casa com o cesto cheio de peixes. Acontece que, ao chegarem na beira do rio, apareceu um cachorro vindo do meio do cerrado a toda velocidade, latindo e rosnando. Quase ao mesmo tempo, surgiram outros três cachorros enormes, brutos e que pareciam não ter medo de nada e mais o cachorro deles que tinha roído a corda e fugido de casa. A bicharada brigava, se enfrentava e dava saltos fora do comum, assustando pai e filho.

- Pai, o que tá acontecendo?

- Não sei, meu filho, vamos embora.

Dizem que o que aconteceu é que o satanás estava no meio dos cachorros e eles o atacaram.

Dizem que, certa vez, em época de Semana Santa, um homem foi com seus companheiros caçar no meio do mato. Quando eles chegaram perto de uma fazenda conhecida, um deles viu uma codorna enorme, toda pintadinha e correu para buscar a espingarda. Na hora que ele ia atirar na ave, ela virou uma bosta de vaca.

Os rapazes se surpreenderam, mas não desistiram da caçada e trataram de ir chegando

cada vez mais perto do estrume. Foi aí que a bosta virou uma saracura, voou e pousou em cima da moita de bambu.

Os rapazes partiram pra cima da moita de bambu e não acharam mais nada, o bicho tinha desaparecido sem deixar vestígios.

CONTA
MAIS,
UAI!

Conto!

Porque é muito bom colocar as histórias no mundo, para que as pessoas as conheçam e aqui você vai encontrar muito mistério e confusão, bem típicos da Serra do Camapuã.



O BARULHO DA ASSOMBRAÇÃO



Era de noite e Seu Eduardo estava voltando da casa da namorada. Como diziam que o Alto do Angá era mal assombrado, qualquer som que ele escutava, o deixava apreensivo, mas ele continuava seu caminho na noite escura.

Num dado momento, ele começou a perceber que um barulho estava seguindo-o e pensou:

- Que negócio estranho! Se eu ando, o barulho anda, se eu paro, ele para. O que será esse trem?

E assim ele foi fazendo o teste de parar e andar por mais umas duas ou três vezes, observando o que acontecia.

Na quarta vez, decidido a tomar uma atitude e encarar de vez aquela assombração que o

acompanhava, Seu Eduardo respirou fundo, olhou para baixo e... olhou para baixo e viu o seu sapato.

- Tô achando que eu já descobri onde é que tá essa assombração.

O calçado tinha um saltinho e, como estava velho, abrigou uma pedrinha lá dentro. Quando ele andava, a pedrinha sambava dentro do sapato, e quando ele parava, ela parava também.

Que alívio! Não foi dessa vez que Seu Eduardo encontrou com uma assombração, já o sapato... Acho que ele deve ter pensado duas vezes antes de usá-lo sozinho à noite de novo.

O PEDIDO DO DEFUNTO

José Mateus estava voltando da casa da namorada de noite, no escuro e, naquele tempo, não tinha um isqueiro ou uma lanterna que o ajudasse a clarear o caminho. Repentinamente, saiu de trás de uma moita de bambu um troço branquinho e falou com ele:

- Posso falar com você?
- Pode falar o que você quiser. - ele respondeu com coragem.
- Eu sou fulano de tal e...

O fantasma era de um homem conhecido de

Zé Mateus que já tinha morrido e que lhe pediu, dentre algumas coisas, que ele não poderia contar, que mandasse celebrar uma missa por sua intenção.

- Pode deixar que eu arrumo isso procê. - disse Zé, que partiu sem medo algum.

Chegando em casa é que ele se deu conta do que tinha acontecido e começou a tremer sem parar. Diz ele que, por um bom tempo, não saiu de casa à noite, com medo de encontrar mais assombração.

O HOMENZINHO DA REPRESA?

Antigamente, quando não havia eletricidade na região da Serra, as pessoas tinham que andar de noite, no escuro, muitas vezes sem uma lamparina para clarear o caminho. Com Seu Antônio não era diferente, sempre que ele estava indo embora da casa da namorada, percorria um longo trajeto sozinho na escuridão. Ele passava perto do aterro da represa e se lembrava de um fato ocorrido com seus irmãos que, ao irem para casa de seu pai, tinham visto um homenzinho andando de um lado para o outro e correram para casa morrendo de medo. Na cabeça dele passava o seguinte pensamento:

- Será que isso vai aparecer pra mim um dia? O pior é que meus irmãos não falaram se era um santo, um saci pererê ou um fantasma.

E, dia após dia, Seu Antônio percorria o caminho e pensava no tal homenzinho.

Certa noite, ele passava por um local, ao lado da represa onde havia uma mata muito fechada, quando ele foi abrir a portezinha do aterro, foi surpreendido com um barulho muito alto que fez suspender todos os fios de seu cabelo.

- Minha Nossa Senhora, é hoje que esse bicho vai aparecer pra mim. - ele pensou.

Mas Seu Antônio foi tomado por uma coragem tamanha que decidiu ver o que era aquilo. Ele foi devagar, observando tudo ao seu redor para não correr nenhum risco e, quando estava bem na beirinha da represa... topou com a mula de seu pai que, ao balançar as orelhas, tinha feito aquele barulho todo.

Seu Antônio terminou o caminho de volta pra casa, agora bem tranquilo, pensando que se não tivesse tido a coragem de enfrentar o medo, teria um belo caso de assombração para contar.

Seu Tarcísio, quando jovem, além de trabalhar na roça, tinha o costume de passar alguns dias no meio do mato buscando alimentos e cozinhando para si.

Certa vez, ao chegar em casa depois de sua empreitada, soube que sua mãe havia sido internada no hospital de Entre Rios e que não tinha sido possível lhe comunicar antes. Empenhado em visitá-la, ele conseguiu uma carona para a cidade com um antigo candidato a prefeito que estava fazendo campanha na Serra e prometeu que o traria de volta, pois ele não poderia passar a noite lá.

Tarcísio tomou banho, vestiu roupa, calçou o sapato e se foi. Ao chegar no hospital, conseguiu a liberação para ver sua mãe mesmo sendo fora do horário de visitação e ficou feliz em vê-la. Só

que a noite foi caindo, caindo, caindo... e nada da carona aparecer para levá-lo de volta.

Passado um bom tempo de espera, apareceu um rapaz dizendo que tinham mandado buscá-lo e que ele o levaria até a Capela Olhos D'água. De lá, ele terminava de voltar a pé para a Serra.

- Agora deu zebra! Aí cê me matou. - Tarcísio falou.

Mas não adiantou insistir com o homem para que ele o levasse de volta no caminho completo. O rapaz soltou Tarcísio há uns dois quilômetros da capela, de noite, sozinho. Quando ele foi olhar no relógio, era meia noite.

- Santíssimo Sacramento, o que eu tô fazendo na banda de fora da capela à meia noite? É muito azar pro meu gosto! E agora, como eu faço, eu

passo ou não passo? Voltar pra trás não dá, o jeito é ir pra frente. Seja lá o que Deus quiser! - ele pensou.

A lua estava clarinha e ele seguiu a caminhada pela estrada. Quando chegou na frente da capela, viu que o portãozinho estava completamente aberto.

- Será que esse portão arreganhou pra eu entrar? Eu não vou entrar aí, não. - E já ia apressando o passo.

De repente, ele olhou para dentro do portão e viu, no adro da igreja, dois "trem" branquinho, branquinho. O cabelo dele espetou tanto que chegou a levantar o chapéu da cabeça.

- São dois anjos. Eu vi dois anjos. Como que eu vou fazer pra contar pra todo mundo? Será que o

povo vai acreditar?

E antes de ir embora, ele resolveu respirar fundo, subir os degraus da frente da igreja para passar pelo portãozinho e verificar de perto a visão que tinha tido.

Qual foi sua surpresa ao perceber que os dois anjos, na verdade, eram dois bezerros branquinhos que pareciam até brilhar na luz da lua. Ao balançar as patas e as orelhas, ele achou que fossem as asas dos anjos.

Tarcísio seguiu ainda por um longo caminho até chegar em casa e contar ao seu pai o ocorrido na porta da capela. O que ele sempre pensava era que, se não tivesse ido lá olhar, até hoje acharia que apareceram dois anjos para ele.

No tempo em que o pé de gabioba dava fruta, quando um rapaz namorava uma moça e algum outro também gostava dela, era costume cercar o namorado para acertar as contas com ele, geralmente lhe dando uma surra.

O caso aqui é que o rapaz dessa história não era muito corajoso e estava morrendo de medo de apanhar no caminho de volta da casa de sua amada namorada. O jeito que ele arrumou foi visitá-la, levando uma espingarda a tiracolo. Quando a menina viu a arma, não gostou nada daquilo, mas o rapaz a tranquilizou dizendo:

- Eu não vou matar ninguém, não. É só para espantar no caso de me cercarem no caminho. - E foi-se embora no seu trajeto usual.

No trilho de volta, num lugar onde tinha um

pé de gabioba grande, branquinho, branquinho e todo florido, o homem foi surpreendido por um barulho estranho que o fez parar no meio da estrada escura. O vento soprava forte fazendo balançar violentamente os galhos da árvore e ele teve certeza de que estava sendo observado por alguém.

- Ai! Ai! Sai daí que eu te mato! Aparece que eu te mato!

E de novo ele ouviu um barulho, parece que vindo do pé de gabioba.

- Sai daí, desgraçado! Eu te pego!

Foi então que o rapaz não pensou mais, arrancou a garrucha da cintura e meteu bala. Antes de sair correndo, ele percebeu que algo

tinha se abaixado após o tiro e ficou desesperado. Chegou em casa quase morto de tanto correr e aflito foi falando com seu pai:

- Pai, eu matei! Eu matei um fedazunha que tava atrás da moita!

- Que isso, filho? Cê tá doido de matar os outros assim?

- Eu matei... eu matei...

Depois de se acalmarem, os dois combinaram de, logo cedo, antes que clareasse o dia, bem devagarzinho, irem ver o que tinha acontecido, quem tinha morrido.

Ao chegarem no local, os dois perceberam que quem tinha levado bala era o pé de gabioba que estava todo picado com uns baitas de uns galhos caídos no chão.

O MISTÉRIO DA MULA SEM CABEÇA

Luzia conta que era muito comum que sua avó ficasse de noite, em casa, sozinha com as filhas e que muitas coisas estranhas aconteciam por lá.

Uma vez, a avó foi surpreendida com barulhos muito altos, no quintal, que a deixaram apavorada e a tal coisa barulhenta ainda chegou a bater na porta de sua casa. Ela ficou com tanto medo que tratou de se esconder em um dos quartos com as crianças e ficou rezando até que raiasse o dia.

Ao amanhecer, ela recebeu a visita de uma comadre e foi logo contando o que tinha acontecido na noite anterior:

- Comadre do céu, ontem eu passei um medo com essas meninas aqui, tava fazendo uma barulhada feia, batia na minha porta, rondava a casa... eu quase morri de medo!

A comadre, muito tranquila, respondeu:

- Não precisa ficar com medo não, isso é só um bichinho pegador de galinha que passou por aqui.

O que mais tarde a avó de Luzia descobriu é que o tal bichinho era a comadre que virava mula sem cabeça e aterrorizava a região.

A NOIVA DO CAFEZAL

Existiu um senhor, dono de um cafezal, que costumava plantar um pé de manga e um de limão em tudo que é lugar. Ele trabalhava com rancho de roça e tinha uma linda filha que ia se casar.

No dia do casamento da menina, ela se arrumou com um vestido branco e estava belíssima, esperando o momento certo para ser levada à cavalo ao encontro de seu noivo. De repente, ao andar pelo cafezal que seu pai havia plantado, ela se sentiu mal, caiu no chão e morreu. A tristeza da família foi imensa e ninguém nunca soube o que havia acontecido com ela.

Passados alguns anos, num dia de chuva forte e céu escuro, certo rapaz voltava de seu trabalho na roça e passou pelo cafezal. De repente, quando ele olhou para o lado, viu uma coisa assustadora e tratou de sair correndo, sem parar com seu guarda-chuva embaixo do braço e a chuva na cacunda. O homem se molhou todo

e fez o caminho de volta tão apressado que com dois minutos ele estava na porta de casa, quando topou com seu compadre.

- Que isso, homem! Cê veio lá do alto da serra e já tá aqui na praia? Cê veio tocado à gasolina, o que aconteceu?

- Que tocado à gasolina que nada, eu tô com o cabelo tudo arrupiado, eu vi uma noiva lá dentro do cafezal com os braços abertos vindo na minha direção.

- E ocê correu da noiva? - o compadre provocou.

- Correr? Eu quase morri, homem, meu coração quase parou. Tem uma noiva lá mesmo. Se fosse ocê não corria, não?

Contam que até hoje essa mesma noiva aparece no cafezal do alto da serra, sempre às 18h, esperando que se concretize o seu casamento. E se você for para os lados do alto da serra, vai encontrar as árvores plantadas por seu pai carregadinhas de frutas.

A FANTASMA

Naquele tempo, a turma do Zé Mateus gostava de se juntar na casa um do outro para tocar instrumentos e prosear até tarde. Sucede que, na hora de ir embora, nem sempre se tinha companhia, o jeito era ir sozinho, mesmo com medo do que poderia acontecer na volta para casa.

Bom, naquele dia, Zé Mateus teria que voltar sozinho e estava tão escuro que ele quase não via um palmo na sua frente. Caminhava, olhando para os lados como se a qualquer momento ele pudesse ser atacado por uma assombração. Quando ele chegou na cava, algo caiu rolando de cima da “barranceira”, um troço parecendo um rolo de jornal branco que bateu nele e parou perto de seu pé.

- Minha Nossa Senhora, o que é isso?

E aquilo foi crescendo, crescendo, crescendo até aparecer uma fantasma. Os pés dela não saíam do chão e ela ia “emborcando” até se tornar grande e assustadora. Ah! Não precisou passar muito tempo para que o Zé saísse correndo, gritando e pedindo socorro.

- Jair Pinto! Pelo amor de Deus, corre aqui que o negócio tá pegando. Vem cá pro senhor ver o que tem ali, é uma assombração.

Jair Pinto, que era um homem que não tinha medo, nem cisma, foi logo falando:

- Que assombração que nada! Aparece aqui pra eu ver. Aparece!

Bom, no fim das contas, a fantasma não apareceu, mas o Seu Jair Pinto teve que levar Zé Mateus até em casa enquanto ele tremia toda vida.

FAMÍLIA PRETA

Em outro tempo, as pessoas se visitavam muito e era costume que, principalmente as mulheres, saíssem com seus filhos para casa umas das outras enquanto os homens iam caçar.

Nesse dia, a caçada foi às dez horas da noite e, quando os homens estavam voltando, ao passar em um gramado onde o pessoal costumava parar para descansar, eles avistaram uma mulher preta, um cavalo preto, um rapaz preto, um homem preto mais velho, uma menina preta, um cachorro preto, um cabrito preto e um fogaréu acesso na lenha. O homem preto mais velho estava tomando café e foi logo dizendo:

- Aoupa colega, quer um cafezinho?

- Não, muito obrigado. - respondeu o rapaz da caçada.

O cabrito preto correu atrás de um dos rapazes

que jogou terra para afastá-lo, mas a mulher preta chamou o bicho e ele se acalmou.

Chegando em casa, o rapaz foi conversar com sua esposa para contar o que tinha visto já que ela tinha passado por aquele mesmo lugar algumas horas antes voltando da casa de sua comadre que ela havia visitado. Mas a mulher disse:

- Não tem ninguém lá não, eu e as crianças acabamos de passar lá e não tinha nada.

- Tem gente lá sim, vamos lá procê ver! - respondeu o marido. E os dois saíram juntos para comprovar quem estava dizendo a verdade.

Chegando ao local, não havia absolutamente nada, nem família preta, nem bicho preto, nem grama e muito menos fogo. Até hoje eles não sabem quem eram os misteriosos visitantes da vila.

CASO DA VIRGEM FLUTUANDO



Eram outros tempos e as moças não tinham liberdade alguma para sair de casa. A regra era: para sair, precisa ser acompanhada de um adulto. E, naquele dia, Sueli estava querendo muito participar da reza do mês de maio, mas as irmãs mais velhas não queriam acompanhá-la.

- Ô mãe, eu vou arrumar pra eu ir pra reza e fico ali na beira da estrada esperando pra ver se alguém passa.

- Tá bom, filha! Se alguém passar, pode ir, do contrário, cê volta.

Só que ela esperou por um bom tempo e não passou ninguém. Foi então que Sueli voltou pra dentro de casa e falou com sua mãe:

- Ainda está escurecendo, eu vou descer sozinha e depois eu volto com o pai, ele tá lá.

- Não minha filha, cê sabe que seu pai não gosta de trazer ocês. Às vezes ele vai passar na casa de um, entrete, passa no boteco... não dá. Tem que esperar alguém ou cê não vai.

- Então eu vou voltar pra beira da estrada e qualquer coisa que passar eu acompanho. - ela falou já irritada com a situação.

Quando Sueli voltou para a beira da estrada, olhou para cima e viu alguém descendo. Naquele tempo, era comum que as mulheres levassem as meninas para coroar Nossa Senhora e ela viu que vinha uma criança vestida de branco com sua mãe.

- Graças a Deus, está vindo alguém e eu vou ter companhia.

Nesse mesmo dia, o pessoal da Serra estava jogando no Taquaril e toda vez que eles venciam era muito animado, pois o time descia no caminhão do Geraldo Borges gritando e comemorando. Ao esperar a moça descendo com a virgem para coroar, Sueli se distraiu vendo o caminhão passar e tentando ouvir o placar final do jogo

que, comumente, eles gritavam no caminho de volta. Quando ela foi olhar para o alto da estrada de novo viu que a moça e a criança ainda não tinham chegado.

- Que estranho! Tá demorando demais pra elas chegarem aqui, uai!

E foi, nessa hora, que ela avistou de novo a menina de branco, que já estava bem pertinho dela, só que flutuando há mais ou menos um metro do chão. Sueli correu para dentro de casa e quase não conseguia falar com sua mãe de tão assustada que ficou.

- Tá vendo, menina, cê fica falando essas besteira de que qualquer coisa que passar ocê acompanha, é nisso que dá!

Antigamente, as missas eram marcadas na Serra toda primeira quarta-feira do mês, que era quando um padre vinha de Entre Rios para celebrá-la. Os horários iam mudando conforme a disponibilidade dos sacerdotes e, neste dia, a celebração tinha sido marcada para às cinco horas.

Sueli saiu cedo, levando seus filhos menores e deixou as duas maiorzinhas em casa sozinhas. Sucede que o padre atrasou muito para chegar e a missa foi começar somente às sete horas.

Mais ou menos no meio da celebração, ela começou a ter um mau pressentimento em relação a ter deixado as meninas sozinhas em casa e resolveu ir embora levando seus meninos.

Logo que pegou estrada com as crianças, Sueli começou a ouvir um gemido alto como se alguém

estivesse se sentindo mal. A lua estava clarinha então ficava fácil olhar para os lados para ver se tinha alguma coisa, mas não tinha nada.

- Bom, vamos embora com Deus. - ela pensou e apertou o passo.

Mais à frente, o gemido foi aumentando e ela começou a ficar preocupada:

- Será que alguém tava indo assistir a missa, não aguentou e tá caído por aí?

Mas ela procurava e nada, não via ninguém na estrada.

Quando chegou na baixada, perto da tronqueira da igreja, o gemido aumentou mais ainda e um de seus filhos, deitou a cabeça nela como se quisesse se esconder.

- Levanta, menino, me ajuda que cê tá pesado! Cê tá dormindo?

- Hum, hum... - ele respondeu fazendo que não com a cabecinha, mas sem levantá-la. - e os gemidos continuavam “ai aaaaiiiii, aaaaaaaaaaiiiiiiiiiiiii”.

Passando perto de onde tinha umas criações de animais, ela colocou as crianças no chão e foi mais uma vez verificar se não tinha alguém caído no meio do mato precisando de ajuda. Nessa hora, o assustador som parou. Mas quando ela pegou as crianças novamente e seguiu para atravessar o passa um, começou o gemido de novo e dessa vez mais alto que todas as outras vezes.

De repente, Sueli sentiu como se algo a rondasse, seu corpo ficou todo arrepiado, suas pernas ficaram pesadas, seu cabelo subiu e ela

sentiu muita dificuldade para andar. Com muito custo, ela continuou o caminho até chegar na porta de sua casa. E quando foi abrí-la, seu filho que estava no colo deu um pulo no chão e gritou:

- Fecha mãe, fecha! Não deixa ele entrar não, precisa ver o bicho feio que tá acompanhando nós.

Sueli fechou a porta, colocou as crianças no chão e foi correndo ver se estava tudo bem com suas filhas que tinham ficado sozinhas. E não é que as meninas estavam dormindo com uma luz de querosene bem no meio delas, em cima da cama, em tempo de se queimarem. O seu pressentimento tinha sido um aviso certo de voltar para casa. Já aquele estranho bicho pelo caminho, até hoje ela não sabe o que foi.

O INTRIGANTE CAMINHÃO

O pai de Sueli dizia que ele perdeu as contas do número de vezes que os meninos “saíam para trabalhar com o escuro e voltavam com o escuro”. Era comum o início do trabalho no campo ainda na madrugada e por ali, a turma ia toda junta.

Certa vez, a caminho do Bom Jardim, passou pelos rapazes um caminhão cheio de gente vestida de branco.

- Aoupa! - eles disseram acenando com o braço.

- Aoupa! - responderam os rapazes na estrada continuando seu caminho.

Mais a frente, eles toparam com um compadre e puxaram a conversa:

- De onde que é aquele caminhão que tava aqui na estrada e nós cruzou com ele? Será de alguma firma?

- Caminhão? Eu não vi caminhão nenhum passando aqui não. - respondeu o compadre. - Nem tá passando caminhão aqui na estrada, a ponte tá quebrada.

Foi então que eles perceberam que aquele era o caminhão das almas.

MULHER MISTERIOSA DA CACHOEIRA

No passado, a maioria das casas na roça não tinham banheiro, então, antes dos homens irem dormir, eles saíam para fazer xixi na árvore de articum.

Naquele dia, não foi diferente, mas sucedeu que, quando um dos rapazes estava na árvore, avistou uma mulher misteriosa entrando na casa pela porta da sala.

- Quem será que entrou? - ele pensou.

Chegando de volta em casa, ele foi perguntar a seu pai que estava sentadinho na beira do fogão, quem é que tinha entrado e onde estava.

- Não entrou ninguém aqui, meu filho.

E ele tinha a certeza que de tinha visto alguém entrar.

A LENDA DA LUZ

O Antonio do Juquinha do Engenho passou um aperto, porque a luz apareceu e “ruduiu” em cima do chapéu dele. O Seu Nico encontrou com ela voltando do curral, seu filho até passou mal. O Adão a viu perto da Capela Olhos D’água. O Márcio Eustáquio estava com dois primos, quando ela apareceu iluminando tudo ao redor, em cima da porteira da fazenda e era do tamanho um pouco menor que uma lua cheia. O peão Chicoiô, desafiou a luz falando que ia acender o pito dele nela e tomou um coro feio da danada. Teve gente que esbarrou com ela quando estava voltando da sessão de novela, pela janela, na época que só uma casa na Serra tinha televisão. Com o Tarcísio, não deu tempo de ele abrir as pernas e a luz passou por debaixo. A Luzia, viu só de longe quando sua mãe a chamou para ver, de repente, ela apagou e reapareceu no esteio do chiqueiro. Zé Mateus achou que alguém tinha acendido um cigarro, mas como estava

chovendo, aquilo ficou estranho e ele resolveu sair correndo, topando com a Odete que também estava fugindo da luz. A Irma correu pra dentro de casa, porque falavam que ela entrava pela porta, se você não fechasse. Seu Vicente contou do colega que topou com a dita cuja. E a Sueli, tomou um baita susto, quando percebeu que a luz que ela e as irmãs estavam vendo não era a da tocha de querosene que sua mãe usava para afastar as formigas do formigueiro e sim a da tal assombração.

Tem quem diz que ela aparece grande e transforma a noite em dia. Tem quem fala que é uma bolinha pequena que vai crescendo, crescendo e crescendo fazendo uma “chieira” chata. Alguns contam que a luz dá uns estalos, como se fosse de algo pegando fogo. Ou que cruza o céu parecendo um cometa. E tem também aquele que disse que não faz barulho nenhum. Fato é

que a lenda da luz é uma das mais conhecidas na região e é muito difícil encontrar alguém que não topou com ela em algum momento da vida.

Várias são as versões para a origem da luz. Uma delas, diz que se trata da “Mãe do ouro”, uma mulher que cuida dos tesouros escondidos pelos escravos para que ninguém os encontre. Outra, que é alma de uma menina da “Irmandade Filhas de Maria”. A jovem teria cometido pecado e, em seguida, morreu, tendo sido enterrada com a fita e a medalha da irmandade no pescoço, algo que era proibido. Sendo assim, até hoje ela vaga, não tendo subido para o céu, nem descido para o inferno, pedindo que as pessoas tirem a fita de seu pescoço para que ela descanse em paz. O problema é que se você tirar a fita para salvá-la, você ocupa o seu lugar e passa a vagar pela eternidade. Uma terceira versão é a que os descrentes de assombração acham que pode

ser o, não tão conhecido efeito, chamado fogo fátuo, que, comumente, acontece nos locais onde existem corpos enterrados, pois trata-se de uma reação química da decomposição dos ossos que pode gerar luminosidade.

Bom, independente se a pessoa acredita ou não na lenda da luz, o importante é ter respeito com as histórias de cada um e com a rica cultura de um lugar. Assim como na Serra do Camapuã, um lugar de gente que gosta de contar, que gosta de ouvir e que preserva sua identidade cultural, valorizando sua gente, suas histórias, suas vivências e suas memórias. Um salve à cultura oral da Serra! Que este livro seja apenas um dos vários registros possíveis! Que as crianças e jovens da comunidade sigam fortes e seguras, rumo ao futuro já que, no presente, conhecem, reconhecem e valorizam o seu passado.

FIM!

Pesquisa

Elis Ferreira

Texto

Elis Ferreira

Colaboração

Juliano Pereira

Assistentes de Pesquisa

Rosana Panzera

Vicente Paulo de Souza

Monitoras

Iasmim Alice

Fernanda Junqueira

Revisão Ortográfica

Rosemary Chalfoun Bertolucci

Projeto Gráfico Editorial

Olívia Lombardi

Diagramação

Olívia Lombardi

Ilustrações à mão

Agnaldo Luis Panzera

CONTRIBUÍRAM PARA ESTA PESQUISA

Adão Ferreira de Azevedo

Adelina Mendes Rodrigues

Aldair Vieira

Alice da Conceição

Ângelo Panzera Neto

Antônio de Souza Pereira

Edna Oliveira

Eduardo Vieira da Costa

Irma Ferreira Canuto

José de Matosinhos Gonçalves Canuto

José Mateus

Lucrecia Borges Panzera

Luzia Aparecida de Oliveira

Márcio Eustáquio Panzera

Maria das Graças Chaves

Maria de Lourdes Ferreira

Meire de Souza Pereira

Nizio José de Oliveira

Rafael José de Resende

Rogilda Céli Borges de Oliveira

Rosana Panzera

Sandra Maria Martins

Sebastião Evangelista de Souza

Sebastião Rodrigo da Silva Sobrinho

Sônia Tereza Borges Souza

Sueli Paceli

Tarcísio Ferreira Chaves

Telma Rodrigues Pereira Azevedo

Vicente de Paulo Ferreira

Vicente Paulo de Souza

AGRADECIMENTO ESPECIAL Rosana Panzera e Vicente Paulo de Souza

REALIZAÇÃO

TEATRO da PEDRA

APOIO



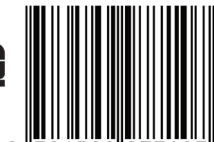
Prefeitura Municipal
Entre Rios de Minas
Adm. 2021-2024



CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA
CRIANÇA E DO ADOLESCENTE DE
ENTRE RIOS DE MINAS

ISBN: 978-65-999771-0-7

CBL



9 786599 977107